Outros

Outros dados sobre a vida e a obra de Wilson Fonseca podem ser encontrados nas seguintes fontes:

(a) Carlos Rocque, **Grande Enciclopédia da Amazônia**, AMEL - Editora Amazônia Ltda., 1967, Volume III, págs. 734/735;

(b) Vicente Salles, **Música e Músicos do Pará**, Conselho Estadual de Cultura, Coleção "Cultura Paraense", Série "Theodoro Braga", Belém (PA), 1970, págs. 145/147;

(c) **Enciclopédia da Música Brasileira**, Art. Editora Ltda. São Paulo, 1997, pág. 285;

(d) Vicente Salles, Santarém: **Uma Oferenda Musical**, Serviço de Imprensa Universitária, 1981, Belém;

(e) Vicente Salles, **Sociedades de Euterpe** (As Bandas de Música no Grão-Pará), Edição do Autor, Brasília, 1985, págs. 178 e segs., especialmente págs. 205/216 (Wilson Fonseca, o Barroco no Século XX);

(f) Carmen Sílvia Gaia Cavalleiro de Macedo, **A Contribuição de Wilson Dias da Fonseca para a Música do Pará**, trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Técnico Cultural, promovido pela Fundação Cultural do Pará (FCPTN), através de convênio com a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e a Universidade Federal do Pará (UFPa), Belém, 1991 (21 páginas fotocopiadas);

(g) José Wilson Malheiros da Fonseca, **Recital dos 80 Anos - Um ensaio sobre o perfil e a música de Wilson Fonseca**, Imprensa Oficial do Estado (iniciativa particular), Belém (PA), 1992;

(h) Clóvis Meira, **O Izoca** (artigo publicado no jornal O Liberal, edição de 06.11.1992);

(i) Vicente José Malheiros da Fonseca, **O erudito na música de Wilson Fonseca** (artigo publicado no jornal O Liberal, edição de 26.02.1995).

Segundo o musicólogo Vicente Salles:

(a) "... Wilson Fonseca foi criado no velho sistema do aprendizado disciplinado pela leitura e escrita. O pai, mestre José Agostinho, ensinou-lhe o beabá. Acho bom ressaltar que sem sair de Santarém, Izoca dominou, pouco a pouco, a linguagem da música - que jamais inibiu a sua inspiração; antes, pelo contrário, tornou-a fluente - até se transformar num hábil polifonista e contrapontista. Os dois volumes de Obra Musical, já publicados, revelam essas qualidades de compositor, mestre do contraponto e da polifonia. Depois de Otávio Meneleu Campos, que produziu muitos corais para as nossas vozes, revela-se

ele outro grande coralista. É quase inacreditável que, na sua longínqua Santarém, tenha adquirido com persistente esforço o conhecimento que possui. Me lembra o aprendizado do Padre José Maurício Nunes Garcia e dos mestres do barroco mineiro: todos eles longe dos "grandes centros" ou da "civilização" européia e, no entanto, de modéstia em modéstia, atingiram os píncaros. É que souberam escalar..." (in "A Província do Pará", edição de 22.07.1980, trecho transcrito na página 251 do IIIº Volume da Obra Musical de Wilson Fonseca).

(b) "... um caso singular no Pará, talvez raro no Brasil e no mundo, na sua maneira de ser e viver, como compositor" (...) (in "Jornal de Brasília", Caderno Cultura, pág. 20, edição de 21.08.1982).

(c) "Guardadas as proporções de tempo, o caráter e o sentido da época, que bem define o estilo e a maneira de viver, Wilson Fonseca não deixa de sugerir a idéia de um autêntico compositor barroco do século XX. Tal como o padre mestre José Maurício Nunes Garcia, ou os compositores mineiros do século XVIII, adquiriu pelo próprio esforço o conhecimento e a técnica que o credencia a ocupar o seu espaço na história da música regional, ou até nacional, com a dignidade de verdadeiro mestre. Mestre do barroco no século XX. É uma oferenda musical de Santarém". (in "Sociedades de Euterpe", pág. 216, edição do autor, 1985).

Apreciando os Volumes I e II (Coral e Sacra) da Obra Musical de W.F., pronunciou-se o crítico Claver Filho:

(a) "Trata-se de 60 peças (...) que denotam conhecimento musical acadêmico, com harmonia bem equilibrada, contraponto fluindo de modo muito natural, boa distribuição de vozes, acompanhamento pianístico que, realçando aqui e ali detalhes do canto, faz também o apoio rítmico dessas canções de balanço tão delicioso. Além disso, admirável o trato da prosódia, em que o autor não cai nos erros comuns de troca de acentuações. Nada, a prosódia flui com uma felicidade sem igual, em nenhum momento quebrando-se em favor da letra ou da música. O bom gosto, o prazer de fazer música, não apenas movido por um ofício (...) (in "Correio Brasiliense, de 22.02.1978, 2ª cad., pág. 5).

(b) "Este volume de músicas sacras vem em boa hora, num momento em que a visita de João Paulo II acusou a presença de uma música sacra doentia em nossas igrejas católicas, em muito pouco lembrando a devoção e a qualidade das obras cantadas e tocadas num passado musical brasileiro não muito remoto. (...). Muitas músicas de Wilson Fonseca postas neste segundo volume podem atender às exigências da Igreja atual, com sugestões várias para Ave Maria, cantos de Natal, Semana santa, hinos, ladainhas, canções, missas em latim e em português. Todas essas composições primam pela beleza melódica, naquela simplicidade toda paraense, em que o cantochão - com inflexões geralmente um tanto modais: a harmonia, se é tradicional, não é gasta, nem repetitiva, elaborações muito ricas. Salientar-se, no entanto, a preferência de Wilson Fonseca pelo estilo imitativo, dedicando-se a cânones perpétuos e a formas até custosamente fugatas. Minha atenção foi especialmente atraída por essa "Missa Nova", que pode ser cantada a 1, 3 e 4 vozes, com acompanhamento de órgão, guitarra e contrabaixo. (...). As melodias são fáceis, ondulantes e belas. Enquanto o órgão apoia os graus modais, a guitarra fixa-se nos contratempos, sobre comentários muito característicos do contrabaixo que, longe de ser uma parte calcada no tradicional, trabalha o tempo todo uma linha ousada e fluente. A "Missa Nova", a mais ousada partitura do livro, é a mais atual, e precisa ser utilizada o mais rápido possível, pois talvez possa ajudar a salvar a música que está muito enfraquecida na maioria de nossas igrejas" (in "Correio Brasiliense", 30.07.1980).

Francisco Mignone, em parecer insuspeito e abalizado, resume a sua opinião a respeito do compositor paraense: "... cheguei a conclusão que vossa senhoria sabe "onde tem o nariz" e estudou música de verdade. A tudo isso agregou boa fantasia inventiva cheia de gostosos acordes melódicos e harmônicos" (cf. manifestação transcrita ao final do Volume III da Obra Musical de W.F.).

E o eminente maestro Gustav Leonhardt (em carta dirigida a José Wilson Malheiros da Fonseca, filho de Wilson Fonseca) disse que:

"Realmente, as partituras mostram um compositor com grande experiência da prática na matéria, tanto no estilo como nas possibilidades de execução. As composições dele são muito encantadoras e, com certeza, preenchem as lacunas do seu "escondido mundo verde amazônico", como você diz".

Agosto de 1995.

CORREIOS E TELÉGRAFOS

Wilson Fonseca

A despeito da longa caminhada que percorri nas atividades profissionais, bem diversificadas, orgulho-me de ter transitado pelos serviços dos Correios, em períodos descontinuados a partir de 1931 até 1933, na sua Agência desta cidade, ocupando setores de abertura de expedição de malas, classificação de correspondência recebida para distribuição aos respectivos destinatários, inclusive acumulando funções de carteiro, sem prejuízo do serviço interno. Nesse período, ainda sob o domínio do governo Federal, assisti à unificação dos serviços de Correios e Telégrafos o que me levou, para opção futura, ao aprendizado do código Morse, adestrando-me no manipulador para as transmissões e na áudição para recepção de sinais da mensagem telegráfica. Entretanto, não cheguei a pôr em prática esta última atividade, porque o quadro de telegrafistas tornou-se excessivo com a admissão dos profissionais da "Amazon Telegraph" encampada pelo Governo Federal. Como eu ainda não alcançara uma situação efetiva, procurei outras atividades, sem deixar de reconhecer que a minha passagem pelos serviços dos Correios, teve uma significativa parcela para ampliar os meus conhecimentos no autodidatismo a que me propus, com resultados que me satisfizeram.

Santarém (PA), 25 de agosto de 1995.

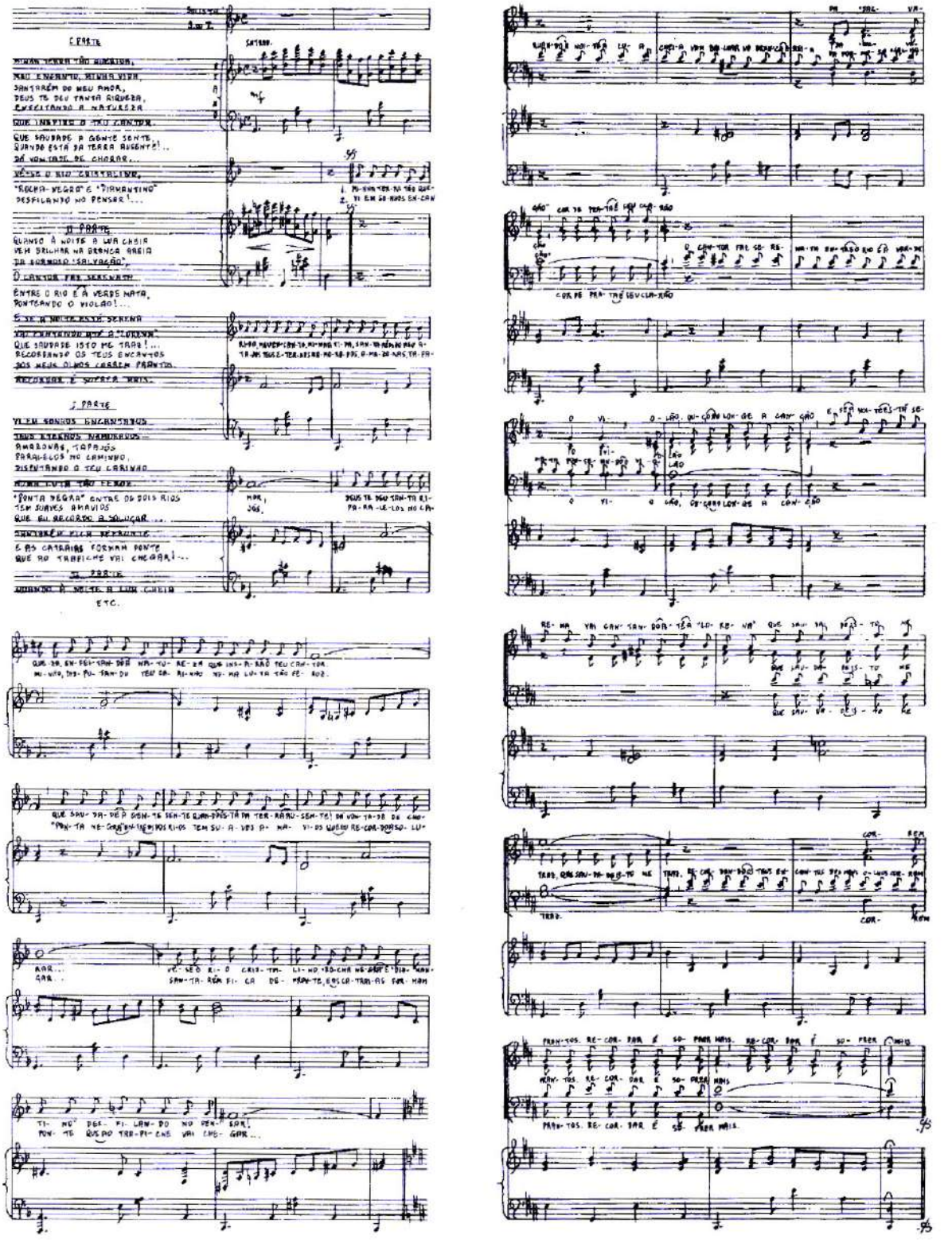
Wilson Dias da Fonseca

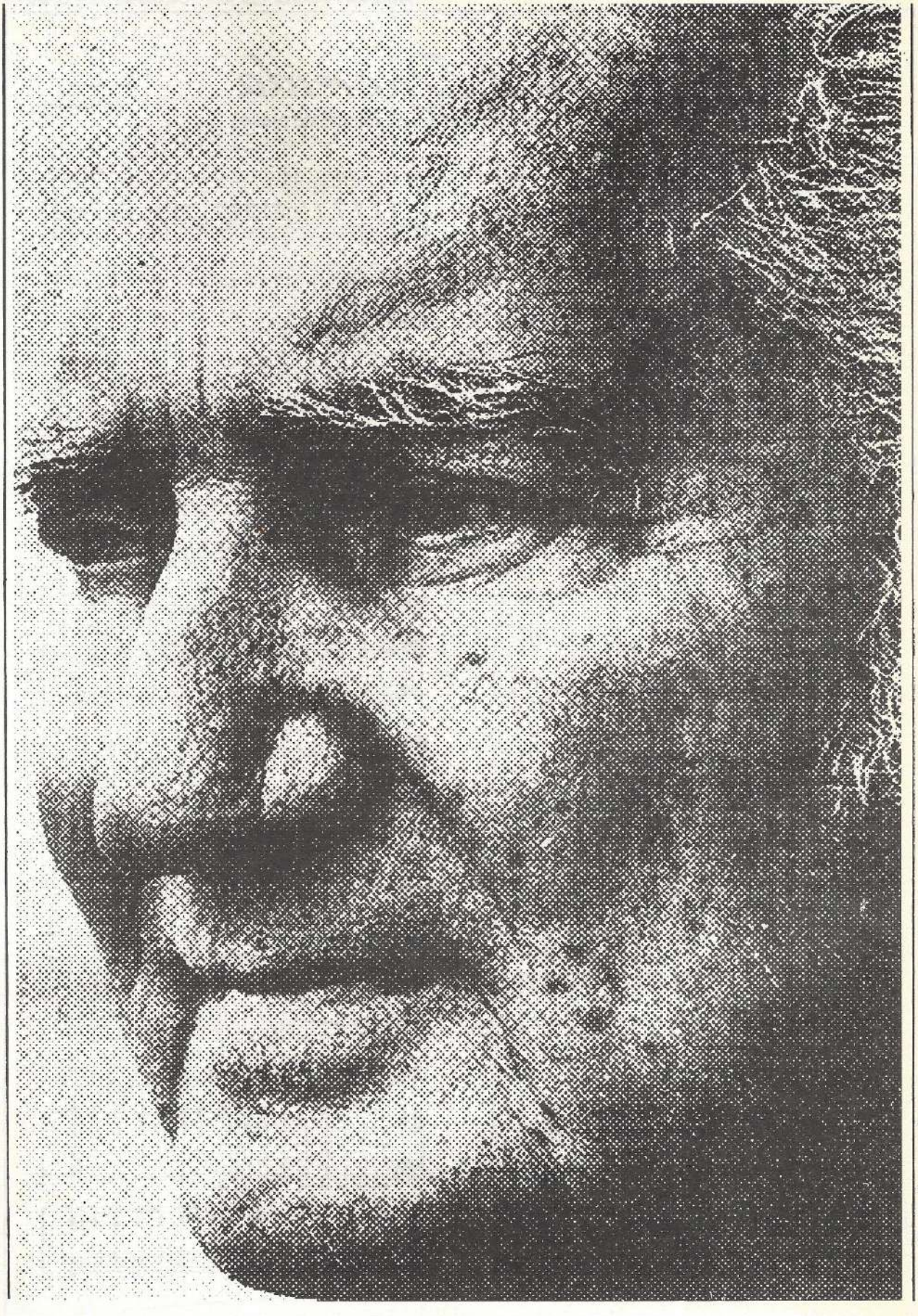
Canção

Terra Querida

(4 vozes mistas com acompanhamento de piano)

Letra e música de
Wilson Fonseca
(1961)





(Foto: Paula Sampaio)